



APONTAMENTOS

DE

Raphael Bordallo Pinheiro

SOBRE A PICARESCA VIAGEM

DO

IMPERADOR DE RASILB

PELA EUROPA

LISBOA

1872



R. Bordallo Pinheiro  
1872



PINACOTECA

APONTAMENTOS DE  
**Rafael Bordalo Pinheiro**  
SOBRE A PICARESCA VIAGEM  
DO  
**IMPERADOR DE RASILB  
PELA EUROPA**

Foi uma excelente idéia de Emanuel Araújo fazer esta edição facsimilar dos *Apontamentos*, em que Bordalo Pinheiro satiriza, de forma divertida e irreverente, mas que não chega a ser desrespeitosa, uma viagem de D. Pedro II à Europa. Trata-se, aparentemente, de uma publicação muito rara, apesar de ter tido grande sucesso, pois no próprio ano de 1872, em que saiu, foram feitas três edições e, poucas décadas depois não aparecia nenhum exemplar no mercado, segundo diz Gomes de Brito, um biógrafo e grande amigo de Bordalo.

Tendo tido a sorte de encontrar este, e vários outros trabalhos gráficos de Bordalo, é com muito prazer que os apresento ao público paulista, para conhecer este aspecto da obra de Bordalo, em paralelo aos outros que se encontram nesta exposição. É pena que seja impraticável reproduzir as outras caricaturas de Bordalo de interesse brasileiro, notadamente o *Álbum das Glórias* ou *O Besouro*, mas em todo caso, esta exposição ao menos permitirá maior familiaridade com a obra do grande artista que foi Rafael Bordalo Pinheiro, admirável traço de união entre Portugal e o Brasil.

*José Mindlin*

*São Paulo, 23 de maio de 96*

30.035

O fac-símile desta 1ª edição dos Apontamentos de Rafael Bordalo Pinheiro Sobre a Picaresca Viagem do Imperador de Rasilb pela Europa foi impresso sobre papel Tan Tex 118 gr, numa tiragem de 1.000 exemplares enumerados manualmente, em comemoração aos 150 anos do nascimento de Rafael Bordalo Pinheiro e da Exposição "O Português Tal e Qual" - da Caricatura à Cerâmica, na Pinacoteca do Estado de São Paulo em Junho de 1996.

## D. Pedro II visto em quadrinhos por Bordalo Pinheiro, em 1872

Em que pese a pretenciosa informação de pseudo exegetas das *Histórias em quadrinhos*, ao atribuírem sua paternidade à América do Norte, onde teriam aparecido em 1895, de há muito reivindicamos seu pioneirismo ao Brasil. Isto porque, entre nós, já em janeiro de 1869 aparecia no jornal satírico ilustrado *Vida Fluminense*, através do lápis litográfico do estupendo desenhista Angelo Agostini, uma historinha no gênero, o que vale dizer, narrativa gráfica em vários episódios e um personagem central, característica de tais publicações hoje avassaladoramente incorporadas ao editorialismo do mundo inteiro. Nossa incipiente e singela História tinha como título: *Nhó Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*.

Trazemos tal tema à baila, servindo de gancho, como se diz em linguagem de imprensa, para o comentário sobre uma outra curiosíssima e rara *História em quadrinhos*, datada de 1872, na qual o personagem principal era nosso Imperador D. Pedro II; quando este, cessada a guerra com o Paraguai, encetou sua primeira viagem à Europa, incluindo no roteiro até uma visita ao Egito. Despido de suas majestáticas prerrogativas, como um homem comum, em companhia da Imperatriz e reduzidíssimo séquito, embarcou num navio da Real Companhia de Paquetes a Vapor Southampton, o *Douro*, a 25 de maio de 1871, somente retornando onze meses após, isto é, a 25 de março do ano seguinte.

Os mais minudentes e esclarecedores informes do que fora essa longa ausência em terras estranhas, onde dava vazão à sua permanente curiosidade no maior conhecimento de coisas e de homens ilustres, se encontra na magnífica e indispensável obra do historiador Pedro Calmon, em sua *História de D. Pedro II*, no volume III (são 5 os tomos), editada em 1975 pela José Olímpio, em convênio com o I.N.L. do MEC.

À chegada do *Douro* a Lisboa, ao lhe serem oferecidas facilidades de desembarque com a exclusão dos outros passageiros, que teriam de sujeitar-se à quarentena (8 dias), por provir o navio de Buenos Aires e Rio, considerados *portos sujos* onde grassava de forma epidêmica a febre amarela, Pedro II recusou-as, submetendo-se às imposições legais, ali apenas recebendo visitas. De maneira discreta impôs o anonimato, assinando-se simplesmente como D. Pedro de Alcântara, declinando as galas de hospedagem oficial em palácios; durante sua estada nos vários países percorridos. Frequentava hotéis que não seriam de cinco estrelas, o que tanto conflitaria nos dias atuais com o uso e abuso de mordomias escandalosas, quando *figurões do setor econômico*; especialmente, instalam-se com todo seu farrancho familiar, incluindo-se até a babá de seu *rejeton*, em hotéis com mais estrelas do que ostentam nos ombros nossos generais de Exército. Seria cômico, se não fosse melancolicamente estarrecedor, esse confronto que ora fazemos com a situação que o Brasil hoje atravessa.

Naquele primeiro encontro com o país de seus ancestrais, não faltaria a nota sentimental, na visita às *Janelas Verdes*, onde vivia sua madastra, D. Amélia, então débil e triste, mas que fora uma das mais belas princesas de seu tempo. Era o encontro quarenta anos passados daquela madrugada em que ela se separara, no Brasil, dos três pobres órfãos. Visita que veio a ser rápida, para evitar a dupla emoção, dali partindo sófrego para São Vicente de Fora, onde se ajoelharia junto à tumba paterna, e em seguida dirigindo-se ao Rossio, para contemplar, no alto da colúna, a estátua.

Pouco se demoraria em Portugal, seguindo mundo afora como um simples excursionista, porém de presença atenta a tudo e a todos; sua maneira simples e desprezível no vestir-se, sempre sobraçando a malinha de viajante, o levaria à alça de mira da crítica desabridamente satírica de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, nas crônicas das *Farpas*, inseridas na *Campanha Alegre*, altamente glorizadas não só em Portugal, mas sobretudo no Brasil, pelos republicanos.

Sem a menor dúvida, foi inspirando-se nesses escritos de Eça e Ramalho, em 1872, que o maior dos caricaturistas portugueses - e que por cá permaneceu por quase cinco anos, numa deslumbrante atividade criadora - em obra inteiramente de sua autoria, realizou em folheto um comentário gráfico a que deu o título: *Apontamentos de Rafael Bordalo Pinheiro à Picaresca Viagem do Imperador de Rásilb [anagrama de Brasil] pela Europa*.

Enorme o êxito dessa publicação, valendo lembrar terem sido tiradas três edições sucessivas, iguais no texto e minimamente diferentes nas litografias refeitas por cópia, para a segunda e terceira edição, como relata-nos o escritor português José Augusto França, na bela biografia do artista intitulada: *Rafael Bordalo Pinheiro, o português tal e qual*<sup>(1)</sup>. Curiosamente porém, no Guia do Museu Rafael Bordalo Pinheiro (1927), no exemplar que possuímos com a dedicatória da então diretora, museóloga Julieta Ferrão, aquela obra aparece datada de 1875. Coincidentemente, foi nesse ano que Bordalo chegou ao Brasil, contratado por 50 libras mensais, para ilustrar *O Mosquito*, substituindo o caricaturista italiano Angelo Agostini.

Na página de rosto, em letras de fantasia, o título aparece escrito num lençol roto, seguro ao alto por quatro tipos populares, apresentados nas máscaras hilares e os pés calçados com pobres sapatos cambaios.

Lê-se no texto de apresentação: "*Rásilb é uma nação florescente que se governa à si própria mas que tem a condescendência de pagar a um imperador*". Este vêm em viagem à Europa, começando por Portugal - aliás por Vale de Andorra Junior, referência maliciosa a Portugal. Ali é recebido por sábios e literatos, logo por Castilho, o grande poeta eco de Ovídio, que D. Pedro II conhecera no Rio (*sic*), por Spromenho, por Saraga. Na Alemanha é o recente imperador local que recebe o ilustre viajante que, em França, dialoga com Thiers e fala no Instituto, indo também ao famoso baile Mabilie (onde se dançava o *can-can* ou *la valse chaloupée*). Dirige-se ao Porto - "*espécie de Tróia onde seu pai se vira grego*" - e farta-se de tripaças. Assiste depois a um sarau no Teatro D. Maria II, visita Herculano em Val dos Lobos.

Tudo isso e algo mais contém esse folheto de catorze páginas e um total de quase cento e vinte desenhos, *comic's*, em cuja página final mostra, *bras-dessus, bras-dessous*, os dois imperadores, o do Rásilb e o da Alemanha, e a seguinte legenda: "*A viagem do primeiro e a guerra do segundo são os dois fatos mais notáveis do século em que vivemos*".

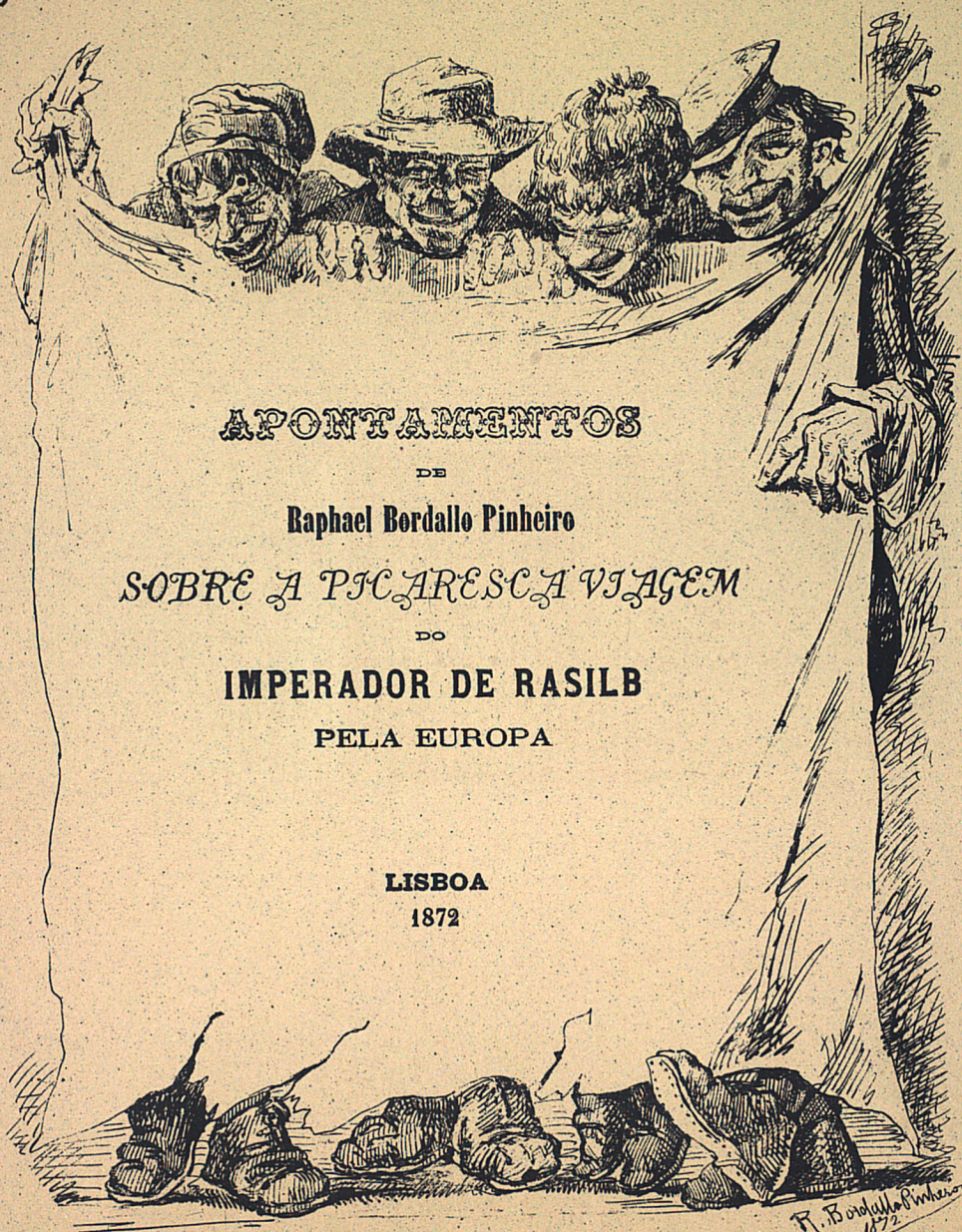
Na obra de José-Augusto França, ele ainda anotaria: "*A par deste volume, As Farpas comentarão também a viagem de D. Pedro, e há que juntar os dois documentos, para conhecer a jocosa reação que as aventuras viajeiras do insólito imperador despertaram em Portugal. Os desenhos de Bordalo são feitos em cima do joelho, confusos por vezes, e, na verdade, mais vale a sua verve geral do que a qualidade gráfica em particular*".

Tal apreciação não invalida a condição de raridade bibliográfica do referido folheto, do qual, além do que possuímos, somente encontramos, na sua segunda edição, os exemplares da Biblioteca Nacional e do Real Gabinete Português de Leitura, ambos porém muito mal conservados.

Alvaro Cotrim  
(Alvarus)

Texto extraído do:  
*Boletim A B I*, maio / junho 1983

(1) França, José-Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro, o português tal e qual*. Livraria Bertrand, Lisboa, 1980.



**APONTAMENTOS**  
DE  
**Raphael Bordallo Pinheiro**  
**SOBRE A PICARESCA VIAGEM**  
DO  
**IMPERADOR DE RASILB**  
PELA EUROPA

**LISBOA**  
1872

do meu Am<sup>o</sup> João Frederico Laranjo  
offe ocutto



Razil é uma nação florescente que se governa a si propria, mas que tem a condescendência de pagar a um Imperador, para que este a bem da administração publica, das finanças e do publico desenvolvimento do paz, estude hebraico e outras linguas mortas.

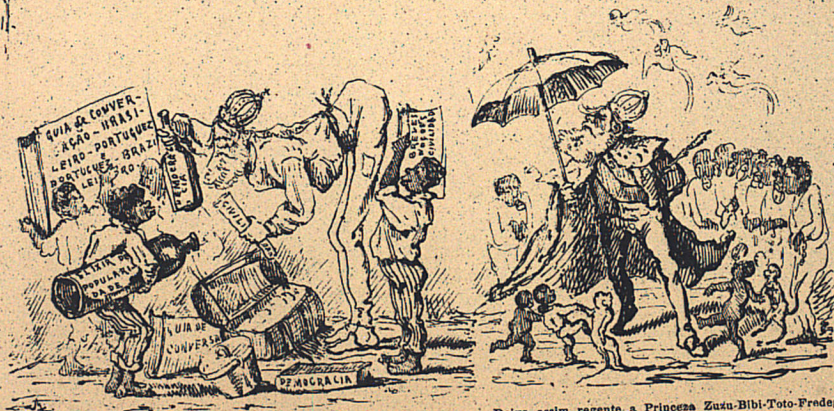
Um dia S. M. o Imperador do Razilb presente que o seu povo começa a seccar-se com elle e elle com o seu povo. Resolve então viajar.

Além de que, alimentado em Razilb, desde a infancia pelo Manual Encyclopedico do sr. Monteverde (173 edições) adquiriu o vicio inveterado de fallar ao mesmo tempo de tudo o que existe. Ora os seus súditos, pessoas acanhadas e magras, só fallam das coisas que sabem, o que o obriga a uma abstinencia que manifestamente lhe perturba as digestões.

Resolve pois procurar pelo mundo:

- 1.º — Povos que o achem bem;
- 2.º — Sabios que lhe digam coisas.

E parte, mascarado de Imperador-democrata, que é como quem diz: chocos-frescos, preto-branco ou piano-forte.



Mette então n'uma mala cosmetics proprios para a caracterisação de tal typo, algumas calças com fundilhos, pouca roupa branca, e guias que o ensinam a pedir os docilhos, as licas e os sabões necessarios á sua democratica e encyclopedica alimentação. — Deverão tambem elles ensinar-lhe como em vario idioma se dá vivas á liberdade, á egualdade e á outra coisa; — porque elle intenta voltar á sua terra tão popular, e se lhe possa impingir como a melhor das republicas.

Deixa assim regente a Princesa Zuzu-Bibi-Toto-Fredegundes-Cunegundes etc. (Vide almanach de Gotta) e n'uma prudente lei sobre a escravido estatu que: Artigo 1.º Ficam livres todos os que ainda não nasceram no Imperio do Razilb. O que alegre medianamente os futuros paes.

O MUNDO DO LIVRO

L. da Trindade, 11 - 13

Tel. 2 9951 - LISBOA

920  
P37211a  
ed. facsim.



As 5 horas, é recebido o celebre hebraista Sara H: psalmos e lanfícios.

As 5 horas, as philarmonicas executam juntas a grande symphonia Hymnolnokawalmarsachasolicontradancia.



Como porém S. M. tivesse para ver o mundo, para se instruir, para o exame dos monumentos, dos museus, das collecções, para se popularisar, para comer feijão com couvo, etc., apenas 8 dias e de sessenta mil e duzentos e réis, apressa-se em partir, encarregando o seu ministro de encarregar o seu consal (pae de Colombo in-s.) de encarregar o sr. Fô (capitalista) de entregar dezoito vistes ao donno do hotel onde S. M., a sua mala e a sua comitiva residiram.



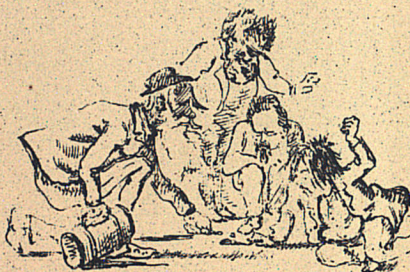
Posto o que, embarca popularmente n'um catralo e desembarca na capital de Valle de Andorra Junior.



onde, sbidos os instintivos democraticos de S. M., se resolve em conselho do estado que o presidente de ministros lhe offereça vinhos e licores, o ministro da justiça doces, e a sombra do ministro da guerra (que então geria os negocios) uns ovos cozidos;



o que o Grande Imperador, que tinha 8 dias e dezesseis mil e duzentos réis, não accetou por não saber se é gratis.



Incetando entretanto com alguns sabios illustres uma partida de Pelisca.



E visto os seus sentimentos democraticos, em vez de partir ras-pou-se.



Chega então á tetrica Allemanha (V. de Castilho) — com a mala — onde a popularidade o levou a desprezar a França.



e á França, onde pela mesma nobre aspiração mostrou desprezar a Allemanha: o que ás gazetas do Kazilh pareceu generoso, bonito e lou-vavel.



Então faminto percorren de chalo-manta as sociedades sciñtificas. Na geologia discutiu chiojo de sympathia o pagalo prehistorico.

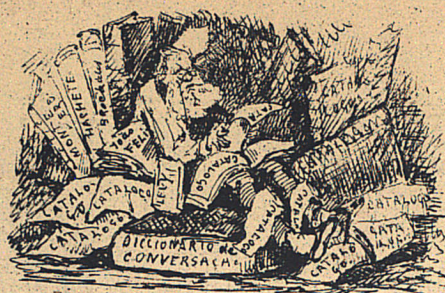


Na de bellas-artes descobrin cheio de amabili-dade o-papagato (dozazado) de Milo.



No instituto de França tratou profundamente dos papa-cais em geral.

S. M. o Grande Pedro mostrou sobre estes Dupca etc. etc., elle etc., sentando-se semi-variadissimos assumptos variados conhecimentos, pre democraticamente no meio, bem no meio, o mais no meio possível dos sabios.



Então passa 7 mezes e 7 noites a decorar o catalogo de Ha-  
chette, de Michel Levy, de Verboeckhoven, de Brockhaus e es-  
pre o seu Monteyerde;



depois do que, jurando nunca  
deixar a mala, onde leva as plu-  
gas e as quinzenas democrati-  
cas,



parte do chale manta, chapen baixo, chapel-  
leira, mala, chinellas de tapete e dezesseis mil  
e duzentos réis (fracos) por entre as lagrimas  
e a transpiração dos seus feis vassallos. (O  
Razilb é um pais quente.)



A primeira terra onde aportam, —  
elle e a mala — é o Valle de Andorra  
Junior; paiz onde a democracia e as  
taraxas são originarias da China.



Ahi S. M. é considerado le-  
vemente infecto e posto de  
quarentena 3 que decerto faci-  
lilita a admiração dos que o  
querem ver.



O Imperador, porém, afim de se subtra-  
hir a uma justa ovação, declara que é sim-  
plesmente e Pedro da Pampulha;



o que causa o maior pasmo  
aos descendentes dos descobri-  
dores das Berlengas.



Então, Valle de Andorra Junior desata-se em phi-  
larmonicas para saudar o Imperador democrata.



As 10 horas o dito da sobredita,  
dá um boceado aos sabios, recebendo o  
grande poeta Echo de Ovidio e o me-  
nino Juju: Lôas.



As 12 horas, segunda philharmonica: poi-  
kas e hymnos.

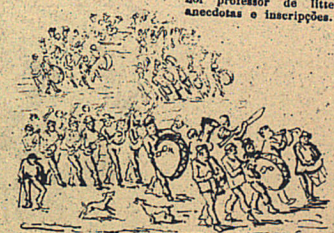
A 1 hora, como a saude de  
S. M. precisasse de sabios, é re-  
cebido um celebre ex-grande  
professor de arabe, e ex-não-me-  
nor professor de litteratura:  
anecdota e inscripções.



As 2 horas, terceira philharmonica: contradanças e hym-  
nos.

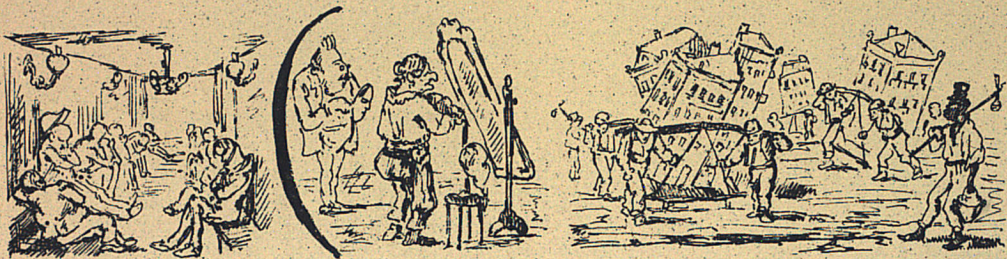


As 3 horas, é novamente recebido o  
grande Echo de Anacreonte e Juju me-  
nino: trovas e maledicência.



As 4 horas, quarta philharmonica: sobe-  
da e ... hymnos.





Na primeira cidade de Valle de Andorra Junior varios dignatarios esperam tremulos de enthusiasmo e bocejando hurras e roncões a chegada do Grande Imperador do Brazil.

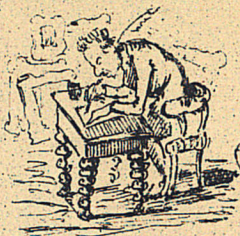
Abramos um parentheis para contar dos preparativos para as festas que ahi se fizeram:

O paleo nasceron-se: Conscio do seu pulchissimo evlton apparecer tal como é.

Mudou-se tudo.



Para lisongear o eloquente viajante deu-se ás estatuas nacionaes um aspecto duplamente symbolico.



Então o illustre Inspector da academia das bellas-artes do Valle de Andorra Junior projectou uma exposição de pintores, tão completa que figurassem n'ella mesmo os que nunca existiram.

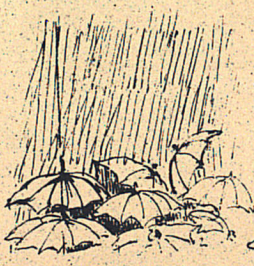


Alguns grandes artistas saem do tumulto para esse fim. Mas como a arte em Valle de Andorra Junior vive á custa de cuidados e esmolas, o mau tempo impede a exposição: Canicões e o Jau, Encas e Anchiões, D. João de Portugal, Salvador Rosa e uma panella, o Cardeal, etc., e outros assumptos, revolvem a suas casas tranzidos e sem verata.

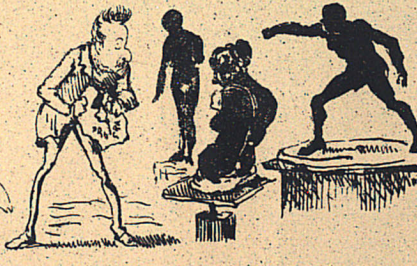


SR. VASCO

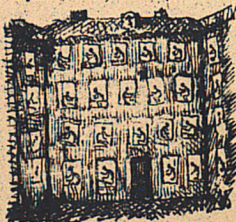
O inspector da academia achando que na arte andorriana ha um pintor de mais e outro de menos, escreve, para offerecer a S. M., uua memoria em que falla de Vasco, auctor de arizgos violentos no Diario Popular, e de Christiao, pintor mytico da idade media.



Como porém a chuva contiguasse a não podesse haver a exposição



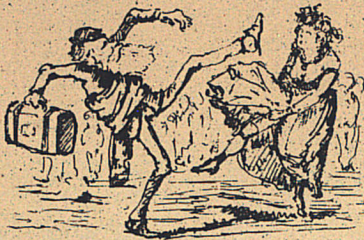
deu-se no museu de escultura um aspecto que lisongesse o illustre Visitante.



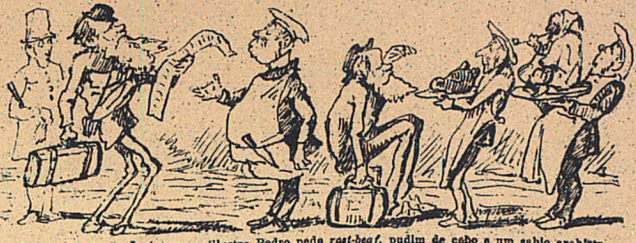
No entanto nas casas da baixa dama gordas e cavalheiros pallidos produzem para uso particular do Imperador polkas e faulos.



E nas illuminações que se projectam descobrem-se fórmas de pyranhidos inteiramente novas.



Depois para se popularisar S. M. ensaia no Mabilite um modesto can-can.



Ao desembarcar em Inglaterra o illustre Pedro pede rost-beef, pudim de cebo e um sabão arabista.



N'essa noite vai ao theatro Covent-Garden, onde ob-servando-lhe que só se entra de casaça

elle declara ser o imperador de Itzilli; em resultado do que querera conduzir a nos camarotes reaes;

mas dizendo S. M. que é um simple particular, lhe declaram que temp de ves-tir casaca.

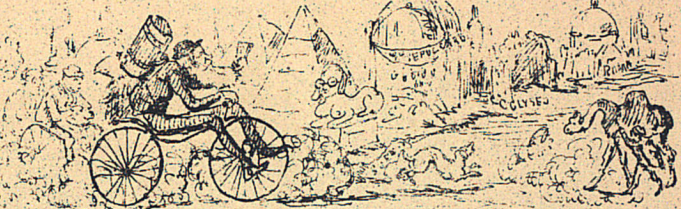
Todavia insistido de novo ser o imperador, insistem em abrir os camarotes reaes.

E como diga ainda ser um particular, é chamado um policia e varios empregados que expulsam popularmente S. M.

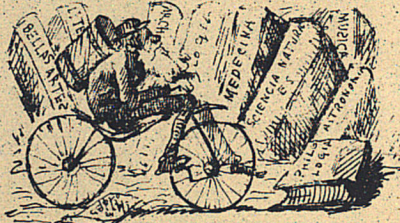
E como este longo dialogo se passou na rua o Grande Imperador retrai-se escan-pado... como um simple particular.



Em Roma o Grande Pedro resolve familiarmente a questao do poder temporal, as differença politicas da curia e do rei de Italia, as desaiu ligencias sobre o dogma, e outras. S. M. tem sobre a questao religiosa a seguinte profunpa opiniao: «Que é uma catu-rica».



E com a mala vè a Italia, a Grecia, o Egypto, a Palestina, a Asia maior, a menor, e outras, com a mesma es-



gurança, rapidez e democracia com que passou na Europa por todas as sciencias, insituições e outras.



Na cavalleira Espanha (Vid. ar. V. de Castilho, Os poemas do «Diario de Noticias») o cavalleiro Pedro—com a mala—adapta os costumes nacionaes.



E em attitudes populares percorre os museus de



bellas-arts, de archeologia, de sciencias, etc.

perseguido por concertos, representações e cantatas cheias de castanhetas e de intenções officiaes, S. M. se recusa.



que ella sea embecendo como os seus deus;

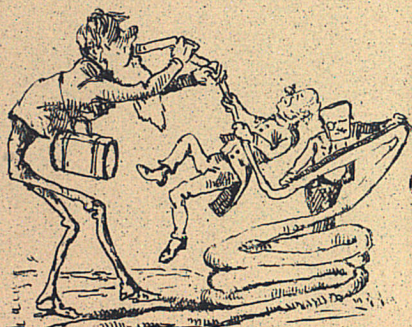


Emfim, como n'essa cidade não há sabios, S. M. pede tripa, comida nacional, de que consome para se popularizar quantidades fabulosas.



Depois do que, vestido á moda do paiz, com o seu ministro e o seu consul (Colombo in-S.), se lança n'um ballê dado em sua honra, de tamancos—nas walsas voluptuosas.

como, porém, o consumo feito em tripa popular fosse



de quatrocentos a quinhentos mil réis, S. M. resolve por economia tornar a entregar a tripa consumida, que em seguida manda depositar solemnemente no Banco Nacional.



E como tem apenas oito dias e dezesseis mil e duzentos réis para fazer a viagem do mundo, vê de cima d'uma torre briga por um caúdo,

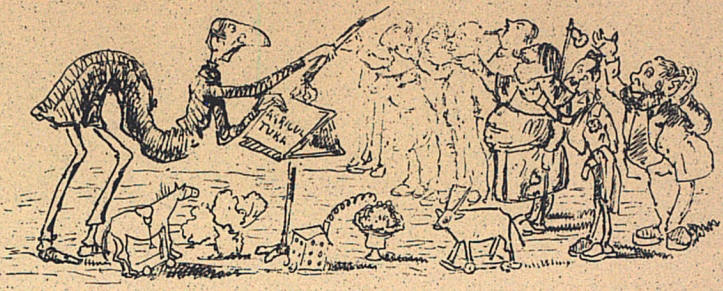


entrando em seguida na parte do paiz onde os habitantes são catholicos e gordos, por sob arcos d'onde alguns ecclesiasticos cum azas e discursos lhe arremegam flores.

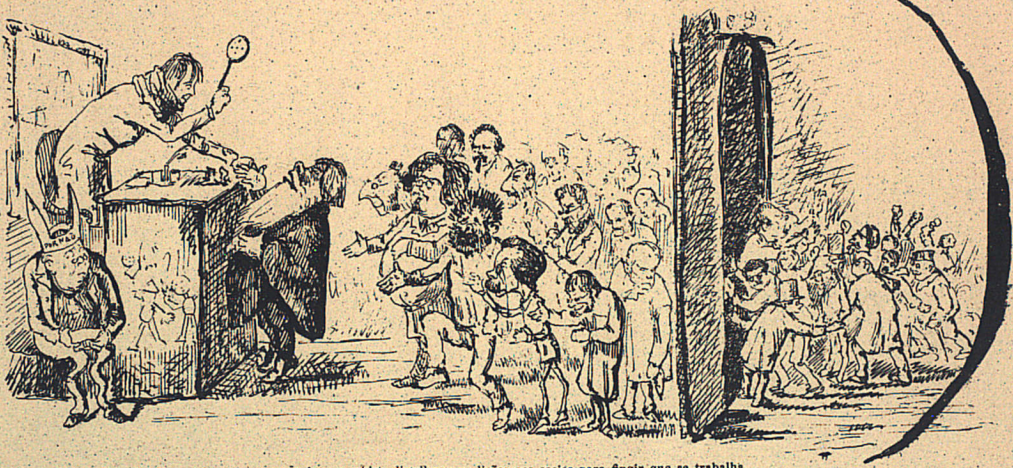
Sobre o que se passou na Universidade de Falls de Andorra Junior, corre-se por pudor um espesso véu.



No frontão do theatro nacional e grande Vicente atavia-se de um modo lisonjeiro a S. M. do Brazil.



Na associação de agricultura, creada com o fim expresso de quatro directores jogarem o whist, ensaia-se uma sessão com muitos discursos, muita concorrência, muita animação, estudos praticos e coros pastoris.



E na academia das ciencias, onde nem sequer se joga o whist, distribuem-se lições aos socios para fingir que se trabalha.

O sr. presidente põe uma carapuça no sábio conselheiro hellenista por não saber declinar Kaszib em grego.  
 O sr. presidente — Menino Echo, diga já quem é Shakespeare?  
 O grande poeta Echo — (chorando) Não sou eu!  
 O sr. presidente — Quem é Virgílio?  
 O grande poeta Echo — (soluçando) Não torno mais!  
 Os demais academicos trocam em câro os seus discursos.  
 O illustre Bibliographo de Valle de Andorra ensaia-se n'uma aria de assobio.  
 A porta os correspondentes forcejam, cheios de odes, para serem admitidos.

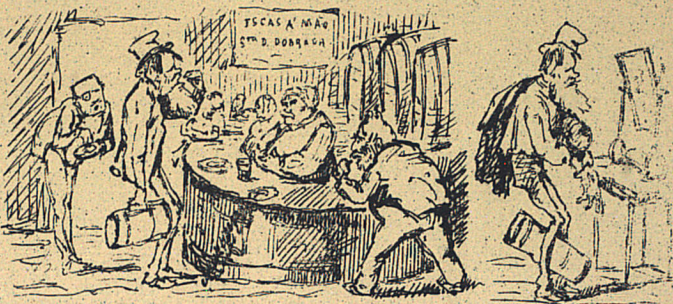


Finalmente o grande imperador chega mais popular do que nunca: vê-se n'elle a democratica shigella, o democratico remendo, o democratico chájo manta — e a mala.

Chega assim a uma cidade de Valle de Andorra Junior, especie de Trola onde seu pae se virá grego e onde seu tio não conseguira chegar a cavallo de pau. Ahí evita, com democracia e com a mala, os festejos e os arcos de papellão e caminha em carro de bois pelos becos invictos.

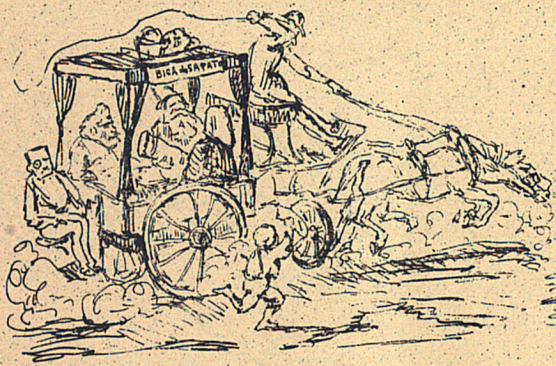


Motivos qua o levam no dia seguinte a banhar se levemente no chafariz de Fóra e z.



comer as populares iscas e a conhecida D. Dobrada.

Faz depois a mais popular das tolhetas.



e mettendo-se com a sua comitiva n'um trem popular, entra no Paço a visitar El-Rei,

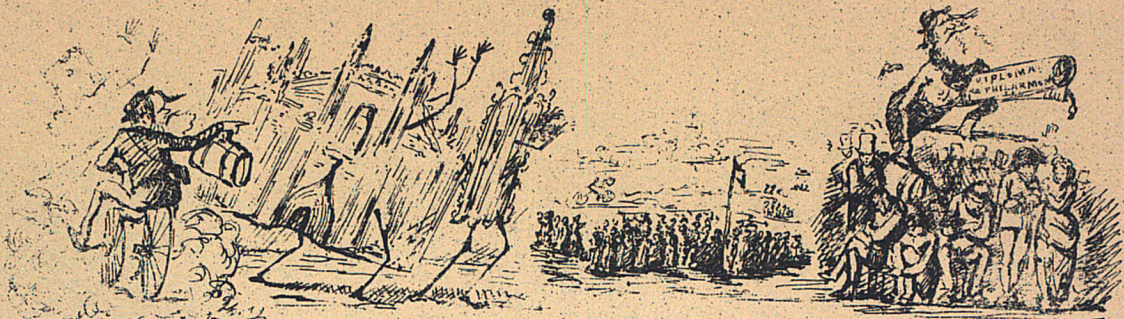


saíndo á pressa a visitar os monumentos nacionaes, (porque tem só dez dias e dezesseis mil e duzentos para ver q'antago.)



Suas Magestades o rei e a rainha e toda a corte de Valle de Andorra Junior, sabendo os gostos de S. M. o Imperador, visitam-n'os em trajos populares. Os jornas gabaram n'este sentido a g-biasa do gabão de El-Rei e do capote e lenço da Rainha, bem como as pequenas faldas dos Principes.

E a academia das Sciencias mostra-se-lhe no mais popular deshabillá.



Como S. M. tem visto a correr o mundo, os monumentos de Valle de Andorra tomam elles mesmos o amavel expediente de correr por diante do Imperador-boumerata, que como se sabe tem só para ver o mundo oito dias e dezesseis mil e duzentos réis francos.

E por toda a parte em Valle de Andorra Junior como na Europa, as philarmônicas offerecem a S. M. diplomas de socio e de caixa de rufo honorario.



E como elle tivesse declarado que era apenas o Pedro da Pampulha, e este individuo fosse muito popular em Valle de Andorra Junior, aconteceu que confundidos o publico, se verga respeitoso diante de um, permitindo-se facceias com o outro e vice-versa.



Então S. M. faz a sua entrada popular na capital de Valle de Andorra Junior.

Ando alojado na mais popular estalagem, elle que é democratica e que tem só dezesseis mil e duzentos réis para ver o mundo.



Tencionando El-Rei de Valle de Andorra Junior dar a S. M. o Imperador, uma ordem, este declara que para bem do seu cerebro, coração e outros infestiuos, precisa que se convidem litteratos.



El-Rei consulta o ministerio e ficam todos suspensos:



Continúa a illuminação.



El-rei - Convidarei só os 500:000 mais notaveis! os que são muito notaveis? Convidarei todos os litteratos?... Mas são todos os meus subditos!



Pergunta-se á academia das sciencias quantos são os litteratos. Averigua-se que em Valle de Andorra Junior, os litteratos são todos os ha-

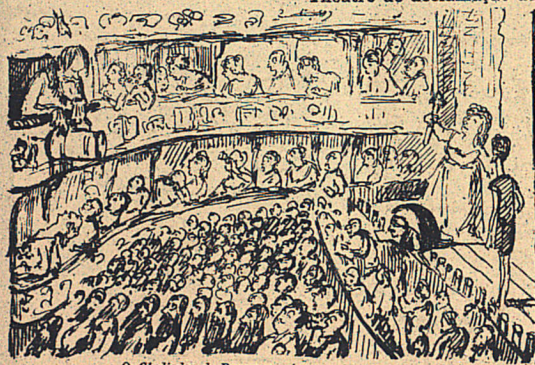


bitantes e mais suis.

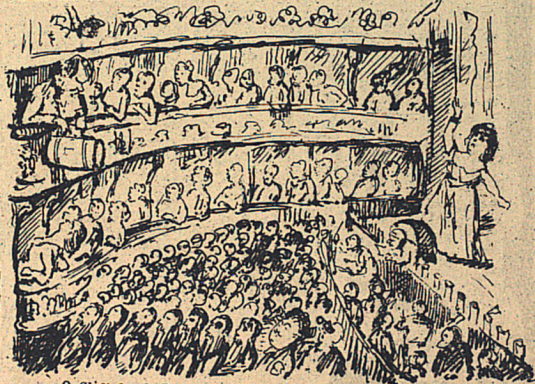


Partem carros cheios de cartas para Ba- jouca de Cima, Pico do Regalados, etc.

Theatro de declamação de Valle de Andorra Junior



O Gladiador de Ravenna - Aspecto da sala no 1.º acto.



O Gladiador de Ravenna - Aspecto da sala no 2.º acto.



Mais hora depois do terminada a tragedia o director do theatro vé-se obrigado a prevenir os espectadores de que estando o gaz a gastar-se elle lhes pede que saiam.



S. M. vé enternecido no mu- seu archeologico um burro pre- historico, e frades de pechão. O director do museu explica ao Imperador como para o so- bredito burro, que desentrou em Chellas, elle tem sido uma segunda mãe.



O grande fabricante da Historea de Valle de Andorra Junior e o grande historiador Como um despreza a aristocracia e o ou- tro despreza as letras, combinam communi- car seus pensamentos em dialecto gallego. Imperador em chinellos. O almoço é servido por tres vaqueiros leiros.



Terminam as illumina- ções em 10 ou ar- tes como se não fôr.



S. Magistado, depois de jantar no paço real cabeça da porco com grãos, cabeça de porco com feijão branco e cabeça de porco com cabeça de porco, es- cuta fazendo a digestão um concerto bom, um bem bom concerto.



E, não querendo aceitar os gelados resas, vai, cheio de sede e de democra- cia, beber popularmente capité de cavallino.



Sómente os academicos se não atrevem a mostrar-lhe as costas, problema que só resolvem tirando-as.



Emquanto o grande Helenista etc., faz encolhendo os hombros a solemne cortezia a tres tempos que se deve aos Imperadores.

S. M. então, ouve com impaciencia, (elle que tem só oito dias e dezesseis mil e duzentos réis para ver o mundo) os toros ensaiados e encarrega a Academia, pela sua sciencia, pelo seu genio, pela sua historia, pela sua philosophia, de procurar o tumulo de Herodes na Redinha.



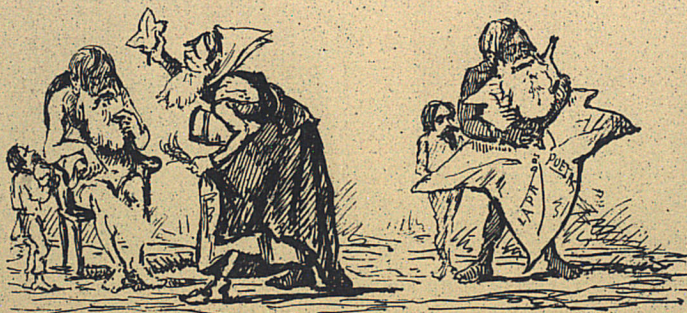
Depois passela pelas illuminações da cidade onde as luzes e as sombras tem proporções desmedidas.



E ao nascer do sol S. M., que tem só oito dias e dezesseis mil e duzentos réis para ver o mundo, visita estremunhado os monumentos.



E n'essa tarde elle vao ao peixe frito das hortas e dá uma lição de popularidade a El-Rei de Valle de Andorra que base um fado complacente.



E depois, lembrando as noites em que a sombra dos coqueiros patrios elle recitára lyrico a 'Joven Lilia abandonada' (pelos leitores ha muitos annos) leva cheio de meigos sentimentos ao doce Echo uma folha e uma madalga (Lembremos-nos que S. M. tem só dezesseis mil e duzentos réis para ver o mundo).



E depois, as illuminações cada vez mais brilhantes.



A viagem que fica brevemente descrita, e aquella guerra em que se roubaram os relógios que sabem, são os dois factos mais notaveis do seculo em que vivemos. Assim, os dois maiores vultos que mais admira o mundo são o Imperador do Brazil e o outro.



Vós sois, oh! sim, os maiores homens da historia! Vós sois grandes, vós sois immonses!... Mas olhai cá: -- Qual de vosses é maiorzinho?

Ex regressou emfim ás suas terras elle que tinha oito dias e dezesseis mil e duzentos réis para ver o mundo) com 16 moedas... fracas.

Apontamentos e recordações de viagem do imperador de Rrazil: fac-simile de uma folha da sua carteira

*Armas di Europa.*

*Fac similes da isquadra di Valle di Andorra Junior*

*Figurinos di costumes militares di varios povos*

*Costumes nacionais:*

*Folhas di Parris (Para presentes aos litteratos di Rrazil substituindo os pensões)*

*Charadas.*  
 Palmes Pontania, Pallias,  
 a cavallaria, Resnamba,  
 a clizia terra de Italos,  
 a técnica Alemmanha,  
 e a todas na Putamide  
 vais o proovir sonador.  
 Volney melhor nas facitas  
 minus das idades,  
 como no estuar cahotico  
 das rivinas sociedades.  
 andante curinido opaculos  
 da sciencia de meinar.  
 Consecto.

*Chazadas.*  
 Sob o lauroado tumulo  
 o feu Virgilio, cre de  
 de haver cantos os besares  
 qui ce se arrependelle;  
 e a Cumea, vate nozeima  
 nemymurou talog;  
 o fupeli ditte  
 que fupeli aca  
 fupeli!!!

*Esboços di notabilidades (do natural)*

*Deve de tripa  
 viver de linho  
 #4.500.000*

*Telegrama n.º 1  
 Não recevi  
 1/00*

*Telegrama  
 n.º 2  
 Já recebemos  
 Von*

*Um dos meus colaboradores  
 fez parodia do imperador  
 PRUSIA*

*deixando pendurada  
 na mão palmeira a pica  
 a vingadoura espada;*

*Ocu a vir no Atlantico*

*Raphael Borralho, 4 de Junho de 1872*

